

# O Livro de Daniel - Número Cento e Cinquenta e Um

## *O Simbolismo do Templo: Desvendando os Mistérios da Conexão entre o Divino e o Humano*

Jeff Pippenger  
2024-03-22

As duas varas são unidas para se tornarem um só templo. Sendo quarenta e seis o símbolo do templo, são quarenta e seis anos que separam o cativo do reino do norte do cativo do reino do sul. Quando o pisoteamento do santuário e do exército foi consumado no tempo do fim, em 1798, foram quarenta e seis anos que uniram as duas varas em um templo. De 723 a.C. a 677 a.C., o templo foi derrubado e pisoteado. Em 1798, o pisoteamento terminou e, até 1844, um templo havia sido erguido. Ali deveriam tornar-se uma só nação, com um só rei, e deixar de pecar para sempre. Esse era o plano, mas a rebelião de 1863 adiou o plano para 2001.

Paulo identifica a igreja como o corpo e Cristo como a cabeça, e usa o corpo como símbolo da carne. A carne e o corpo são termos intercambiáveis para Paulo.

Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Romanos 8:13.

O modelo do templo humano baseia-se no modelo do templo de Deus. O corpo, que é a Igreja, equivale à carne no templo de um indivíduo. No templo de um indivíduo, a mente é a cabeça, e o corpo é a carne.

Porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este é um grande mistério; mas falo acerca de Cristo e da igreja. Efésios 5:30-32.

O templo que João haveria de medir, quando o toque do sétimo anjo assinalou o início da obra de consumir o mistério de Deus, era o templo de Deus; porém o templo do homem foi criado à imagem do templo de Deus. São símbolos intercambiáveis. Moisés esteve no monte por quarenta e seis dias, durante os quais lhe foi mostrado o modelo que devia usar ao erguer o tabernáculo terrestre. O modelo foi tomado do templo celestial.

Cristo foi o templo celestial, manifestado na carne, e Ele representa o padrão do templo humano, pois os homens foram criados à Sua imagem. Por essa razão, o padrão do templo humano é representado por quarenta e seis cromossomos.

Os templos são, profeticamente, intercambiáveis. Assim, o templo que João foi instruído a medir consistia em apenas dois compartimentos, sem átrio. O primeiro compartimento representa o templo humano, a igreja (a noiva), a nação, o corpo, que é a carne. O segundo compartimento representa o templo divino, o noivo, o rei, a cabeça, que é a mente. A promessa da aliança eterna

que se cumpre para os cento e quarenta e quatro mil nos últimos dias foi ilustrada pelos dois pedaços de madeira de Ezequiel, capítulo trinta e sete. Foi ilustrada pelo templo de João, que consiste em dois compartimentos. Foi ilustrada pelas definições específicas de Paulo do mistério de Cristo no crente, a esperança da glória.

A obra do selamento dos cento e quarenta e quatro mil é a obra de unir permanentemente a Divindade à humanidade. Essa obra é realizada durante o toque da Sétima Trombeta. Essa união é representada, linha sobre linha, de várias maneiras nas Escrituras. Justificação e santificação são os termos teológicos para essa obra. A justificação é a obra de Cristo como nosso Substituto, e a santificação é a obra de Cristo como nosso Exemplo. A justificação representa nosso título para o Céu, e a santificação representa nossa aptidão para o Céu. Ambas essas obras são trazidas ao crente pela presença do Espírito Santo. Essa obra é representada como a inscrição da Lei de Deus nos corações e nas mentes daqueles que são aceitos na Aliança Eterna.

A "mente" representa o aposento no templo, onde reside a cabeça. A mente é o que se chama natureza superior, em oposição à carne, que é a natureza inferior. A mente é representada por nossos pensamentos; a carne é representada por nossos sentimentos.

Muitos experimentam infelicidade desnecessária. Desviam seus pensamentos de Jesus e os concentram demais em si mesmos. Exageram pequenas dificuldades e falam palavras de desânimo. São culpados do grande pecado de se queixarem desnecessariamente das providências de Deus. Por tudo o que temos e somos, somos devedores a Deus. Ele nos concedeu faculdades que, até certo ponto, são semelhantes às que Ele próprio possui; e devemos trabalhar diligentemente para desenvolver essas faculdades, não para agradar e exaltar a nós mesmos, mas para glorificá-Lo.

Não devemos permitir que nossas mentes se desviem da lealdade a Deus. Por meio de Cristo podemos e devemos ser felizes, e devemos adquirir hábitos de domínio próprio. Até mesmo os pensamentos devem ser submetidos à vontade de Deus, e os sentimentos, sob o controle da razão e da religião. Nossa imaginação não nos foi dada para correr desenfreada e seguir seu próprio rumo, sem qualquer esforço de contenção e disciplina. Se os pensamentos estão errados, os sentimentos estarão errados; e os pensamentos e sentimentos, combinados, formam o caráter moral. Quando decidimos que, como cristãos, não somos obrigados a refrear nossos pensamentos e sentimentos, ficamos sob a influência de anjos maus e convidamos a sua presença e o seu controle. Se cedermos às nossas impressões e permitirmos que nossos pensamentos sigam um curso de suspeita, dúvida e murmuração, seremos infelizes, e nossas vidas se revelarão um fracasso. Review and Herald, 21 de abril de 1885.

Pensamentos e sentimentos, combinados, compõem o caráter moral. Nosso caráter é constituído de uma natureza inferior e outra superior; a mente é a natureza superior e, se os pensamentos da mente forem santificados, nossos sentimentos serão santificados. Isso porque a mente é a natureza superior controladora, dentre as duas naturezas que compõem a nossa humanidade. As "faculdades" que foram designadas como parte do nosso ser são, "até certo ponto", "semelhantes às que" Cristo "possui", pois fomos criados à Sua imagem, e "devemos empenhar-nos seriamente para desenvolver" essas "faculdades".

As faculdades que fazem parte da natureza superior, ou da mente de um ser humano, são o juízo, a memória, a consciência e especialmente a vontade.

Muitos perguntam: "Como devo entregar-me a Deus?" Você deseja entregar-se a Ele, mas é fraco em força moral, escravizado pela dúvida e dominado pelos hábitos de sua vida de pecado. Suas promessas e resoluções são como cordas de areia. Você não consegue controlar seus pensamentos, seus impulsos, suas afeições. O conhecimento de suas promessas quebradas e votos não cumpridos enfraquece sua confiança em sua própria sinceridade e leva você a sentir que Deus não pode aceitar você; mas você não precisa desesperar-se. O que você precisa compreender é a verdadeira força da vontade. Ela é o poder governante na natureza humana, o poder de decisão, de escolha. Tudo depende da ação correta da vontade. Deus deu aos seres humanos o poder de escolha; cabe-lhes exercê-lo. Você não pode mudar o seu coração; não pode, por si mesmo, dar a Deus suas afeições; mas pode escolher servi-Lo. Você pode entregar-Lhe a sua vontade; então Ele operará em você o querer e o realizar, segundo o Seu beneplácito. Assim, toda a sua natureza será colocada sob o controle do Espírito de Cristo; suas afeições estarão centradas nEle, seus pensamentos estarão em harmonia com Ele.

Desejos de bondade e santidade são corretos até certo ponto; mas, se você parar aqui, de nada valerão. Muitos se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Eles não chegam ao ponto de entregar a vontade a Deus. Eles não escolhem ser cristãos agora.

Por meio do correto exercício da vontade, uma mudança completa pode ser operada em sua vida. Ao entregar sua vontade a Cristo, você se alia ao poder que está acima de todos os principados e potestades. Você terá força do alto para permanecer firme e, assim, mediante constante entrega a Deus, será capacitado a viver a nova vida, a própria vida de fé. Passos para Cristo, 47, 48.

O poder da vontade é o "poder governante" na natureza do homem, e o governador situa-se no aposento do templo humano que está aliado "ao poder que está acima de todos os principados e potestades." O lugar em que, no templo humano, ocorre a união da Divindade com a humanidade é a cidadela da alma. Todo ser humano possui uma cidadela, e ela está ocupada ou por Cristo ou pelo arqu-inimigo de Cristo.

Quando Cristo toma posse da cidadela da alma, o agente humano torna-se um com ele. E aquele que é um com Cristo, mantendo essa união, entronizando-o no coração e obedecendo aos seus mandamentos, está a salvo das ciladas do maligno. Unido a Cristo, ele reúne para si as graças de Cristo e consagra ao Senhor força, eficiência e poder para ganhar almas para ele. Pela cooperação com o Salvador, ele se torna o instrumento por meio do qual Deus opera. Então, quando Satanás vem e procura tomar posse da alma, ele percebe que Cristo o tornou mais forte do que o valente armado. Review and Herald, 12 de dezembro de 1899.

A cidadela da alma é o coração e a mente do ser humano. A nova aliança enuncia três promessas principais ao crente. É-lhe prometida uma terra onde habitar, como o Jardim do Éden o foi para Adão e Eva, o qual, por sua vez, representava, na Sua aliança com o antigo Israel, a Terra Prometida, a qual, por sua vez, representava a gloriosa terra espiritual para o Israel espiritual; e todas as três dão testemunho, linha sobre linha, da promessa da terra renovada, para aqueles que

vencem como Ele venceu.

Quando Adão e Eva pecaram, eles foram "dispersos" para fora do Jardim do Éden por "sete tempos", e é após sete milênios que a terra é renovada e o Jardim do Éden é restaurado. A dispersão do antigo Israel por "sete tempos" foi tipificada pela dispersão de Adão e Eva. A aliança promete uma terra para habitar, e era a promessa do Éden restaurado. O pisoteamento do santuário e do exército representa a escalada progressiva do pecado dentro da família humana que começou com o pecado de Adão.

As outras duas promessas da aliança são que os fiéis receberão um novo corpo e uma nova mente, isto é, a própria mente de Cristo. O corpo é a carne, a natureza inferior e, em relação a Cristo, é a igreja. A mente é a natureza superior; é o que a Irmã White identifica como a "cidadela da alma". Paulo ensina claramente que recebemos a mente de Cristo no momento em que aceitamos as exigências do evangelho, quando somos justificados. Ele também ensina que não recebemos um corpo novo e glorificado senão na Segunda Vinda.

Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Pois é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista de imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e este corpo mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: A morte foi tragada na vitória. Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. 1 Coríntios 15:51-56.

Uma doutrina, que João diz identificar como anticristo aqueles que creem em tais ensinamentos falaciosos, sustenta que Cristo jamais assumiu um corpo sujeito aos efeitos do pecado que haviam começado a afetar a família humana desde o pecado de Adão.

E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; e este é o espírito do anticristo, do qual ouvistes que há de vir; e agora já está no mundo. 1 João 4:3.

O vinho da Babilônia (anticristo) que ensina a "Imaculada Conceição" afirma que Maria foi tornada perfeita, como o foram Adão e Eva antes do pecado, para que o nascimento de Jesus se baseasse numa concepção de divindade (o Espírito Santo), com humanidade perfeita (Maria). A falsa doutrina da Imaculada Conceição não trata de quando Jesus foi concebido no ventre de Maria, mas de como Maria foi concebida com a perfeição de Adão e Eva. Sugerir que a carne que Cristo assumiu quando veio redimir o homem era uma carne sem pecado, que não continha os efeitos da hereditariedade, é um ensino do anticristo.

Porque muitos enganadores entraram no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este é um enganador e um anticristo. 2 João 1:7.

Quando Cristo ressuscitou, a inspiração salienta cuidadosamente que Ele então tinha um corpo glorificado. Sua ressurreição representou a ressurreição dos justos na Segunda Vinda, e é nessa ocasião que recebemos a promessa da aliança de um novo corpo.

Chegara o tempo de Cristo subir ao trono de Seu Pai. Como um conquistador divino, estava prestes a retornar com os troféus da vitória às cortes celestiais. Antes de Sua morte, Ele havia declarado a Seu Pai: "Eu terminei a obra que Tu Me deste para fazer." João 17:4. Depois de Sua ressurreição, Ele permaneceu na terra por algum tempo, para que Seus discípulos se familiarizassem com Ele em Seu corpo ressuscitado e glorificado. Agora, Ele estava pronto para a despedida. Ele havia confirmado o fato de que era um Salvador vivo. Seus discípulos já não precisavam associá-Lo ao túmulo. Eles podiam pensar nEle como glorificado diante do universo celestial. O Desejo das Eras, 829.

A promessa da aliança, de uma terra para habitar, cumpre-se na terra renovada, quando o Éden é restaurado e se concluem os "sete tempos" (sete mil anos) de dispersão da humanidade do primeiro Adão. A promessa da aliança de um corpo novo e glorificado é concedida na Segunda Vinda, num piscar de olhos.

"A história de Belém é um tema inesgotável. Nela está oculta 'a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus'. Romanos 11:33. Admiramo-nos do sacrifício do Salvador ao trocar o trono do céu pela manjedoura e a companhia de anjos adoradores pelos animais do estábulo. O orgulho e a autossuficiência humanos são repreendidos em Sua presença. No entanto, isso foi apenas o início de Sua maravilhosa condescendência. Teria sido uma humilhação quase infinita para o Filho de Deus assumir a natureza humana, mesmo quando Adão estava em sua inocência no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como todo filho de Adão, Ele aceitou os resultados do funcionamento da grande lei da hereditariedade. O que foram esses resultados é mostrado na história de Seus antepassados terrenos. Ele veio com tal hereditariedade para compartilhar nossas dores e tentações e para nos dar o exemplo de uma vida sem pecado." O Desejo dos Séculos, 48.

Quando um homem cumpre os requisitos do evangelho, naquele mesmo momento ele recebe uma nova mente, a própria mente de Cristo; mas o corpo, ou, como Paulo também o chama, a carne, é transformado na Segunda Vinda. A natureza inferior, que é composta pelos sentimentos, não é eliminada na conversão. Esses sentimentos, que são uma parte do caráter moral, permanecem até a Segunda Vinda. Esses sentimentos representam o sistema emocional, que está associado ao sistema hormonal. Eles representam os sentidos que estão associados ao sistema nervoso. Todos os elementos da natureza inferior do homem que são considerados como sentimentos dividem-se em duas categorias básicas. Um tipo de sentimentos é constituído pelas tendências que herdamos de nossos antepassados, e o outro tipo é constituído pelas tendências cultivadas que desenvolvemos por nossas próprias escolhas.

Algumas tendências herdadas são simplesmente parte da constituição humana, e alguns tipos de tendências herdadas são para fazer o mal. Os tipos de sentimentos cultivados são os que estabelecemos por nossas próprias escolhas, e as tendências herdadas são transmitidas pela "grande lei da hereditariedade."

Jesus "assumiu a humanidade quando a raça humana havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como todo filho de Adão, Ele aceitou os resultados da atuação da grande lei da

hereditariedade. Em que consistiam tais resultados é mostrado na história de Seus ancestrais terrenos. Ele veio com tal hereditariedade para compartilhar nossas tristezas e tentações, e para nos dar o exemplo de uma vida sem pecado." Com os resultados de quatro mil anos de atuação da grande lei da hereditariedade, Jesus sempre manteve tais tendências subjugadas pelo exercício de Sua vontade, e jamais, nem uma única vez, participou do cultivo de quaisquer sentimentos pecaminosos.

Se Jesus tivesse assumido um corpo humano, tal como o de Adão e Eva antes de pecarem, sem aceitar as consequências do enfraquecimento da humanidade que ocorrera ao longo de quatro mil anos de degradação, então Ele não teria deixado um exemplo de como todo filho de Deus pode vencer.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Muitos encaram esse conflito entre Cristo e Satanás como não tendo relação especial com a própria vida; e, para eles, tem pouco interesse. No íntimo de cada coração humano, essa controvérsia se repete. Jamais alguém deixa as fileiras do mal para o serviço de Deus sem enfrentar as investidas de Satanás. As tentações às quais Cristo resistiu são aquelas a que nos custa tanto resistir. Foram-lhe apresentadas em grau tanto maior quanto Seu caráter é superior ao nosso. Com o terrível peso dos pecados do mundo sobre Si, Cristo resistiu à prova do apetite, do amor ao mundo e daquele amor à ostentação que leva à presunção. Essas foram as tentações que venceram Adão e Eva e que tão facilmente nos vencem.

Satanás havia apontado o pecado de Adão como prova de que a lei de Deus era injusta e não podia ser obedecida. Em nossa humanidade, Cristo haveria de redimir a falha de Adão. Mas quando Adão foi assaltado pelo tentador, nenhum dos efeitos do pecado estava sobre ele. Ele estava na força da virilidade perfeita, possuindo todo o vigor da mente e do corpo. Estava cercado das glórias do Éden e vivia em comunhão diária com seres celestiais. Não foi assim com Jesus quando Ele entrou no deserto para enfrentar Satanás. Por quatro mil anos a raça humana vinha decaindo em força física, em poder mental e em valor moral; e Cristo tomou sobre Si as enfermidades da humanidade degenerada. Só assim Ele poderia resgatar o homem dos mais baixos abismos de sua degradação.

Muitos afirmam que era impossível que Cristo sucumbisse à tentação. Então, Ele não poderia ter sido colocado na posição de Adão; não poderia ter obtido a vitória que Adão deixou de obter. Se, em qualquer sentido, tivéssemos um conflito mais difícil do que o de Cristo, então Ele não poderia nos socorrer. Mas o nosso Salvador assumiu a humanidade, com todas as suas vulnerabilidades. Ele tomou a natureza humana, com a possibilidade de ceder à tentação. Nada temos de suportar que Ele não tenha suportado.

Com Cristo, como com o santo par no Éden, o apetite foi o fundamento da primeira grande tentação. Exatamente onde começou a ruína, ali deve ter início a obra de nossa redenção. Assim como, pela satisfação do apetite, Adão caiu, assim, pela negação do apetite, Cristo há de vencer. 'E, tendo Ele jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome. E, aproximando-se dEle o tentador, disse: Se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Ele, porém, respondeu e disse: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda

palavra que procede da boca de Deus.'

Desde o tempo de Adão até o tempo de Cristo, a autocomplacência havia aumentado o poder dos apetites e das paixões, até que estes exercessem um controle quase ilimitado. Assim, os homens haviam se tornado degradados e doentes, e por si mesmos era-lhes impossível vencer. Em favor do homem, Cristo venceu suportando a prova mais severa. Por nossa causa, Ele exerceu um autocontrole mais forte do que a fome ou a morte. E nessa primeira vitória estavam envolvidos outros aspectos que entram em todos os nossos conflitos com os poderes das trevas. O Desejado de Todas as Nações, 117.